CONCURSO CULTURAL

A HISTÓRIA QUE NÃO VIVI

3ª Edição

APRESENTAÇÃO DA ARTE PARA O CONCURSO CULTURAL "A HISTÓRIA QUE NÃO VIVI" - 3ª EDIÇÃO

dezenove onze zeronove

É com grande satisfação que apresento a arte desenvolvida para a 3ª Edição do Concurso Cultural "A História Que Não Vivi". Esta composição visual foi cuidadosamente criada para traduzir os conceitos propostos — território, pertencimento, apagamento, história e memória negra — à luz do princípio africano Sankofa, que nos ensina a "voltar para buscar" o conhecimento do passado como ferramenta de construção de um futuro mais consciente e justo.

CONCEITO E ELEMENTOS VISUAIS

A arte é uma fusão de elementos simbólicos e estéticos que, reunidos, narram uma história de resiliência, identidade e reflexão coletiva. Cada camada e escolha visual foi pensada para provocar o olhar, sugerindo as complexidades e os silêncios que permeiam a memória negra no Brasil.

dezenove onze zeronove

1. BASE TERRITORIAL: MAPAS DA ÁFRICA, BRASIL E SÃO GONÇALO

- **Mapa da África (fundo amarelo): A composição tem como base o mapa do continente africano, representado em um tom amarelo vibrante. Esse elemento simboliza o ponto de origem da ancestralidade negra, evocando a riqueza cultural e espiritual da África como alicerce de toda a história que se desdobra a seguir.**

- **Mapas do Brasil e de São Gonçalo: Sobre a base africana, os mapas do Brasil e, com destaque, o de São Gonçalo (RJ), são sobrepostos. Essa camada visual representa a diáspora africana e o enraizamento de seus descendentes em solo brasileiro, destacando o papel das histórias locais na construção da identidade nacional.**

- **Fazenda Engenho Novo: A representação da Fazenda Engenho Novo aparece simultaneamente nos mapas de São Gonçalo e do Brasil, simbolizando que o apagamento da história e da memória negra não é apenas regional, mas estrutural e nacional. A ilustração da fazenda, realizada com técnica de desenho à mão e tratada em tonalidade sépia, evoca os registros históricos antigos. O edifício em destaque torna-se um marcador visual de memória, resgatando um espaço físico frequentemente associado à exclusão das narrativas negras.**

2. CAMADAS E TEXTURAS: A COMPLEXIDADE DA MEMÓRIA

A composição foi construída com múltiplas camadas e texturas visuais, que conferem profundidade e densidade simbólica à arte. Essas sobreposições representam a memória como um campo não linear, feito de fragmentos, ausências, silêncios e marcas. As texturas — que lembram papel antigo, tinta lavada e vestígios de arquivo — reforçam a ideia de uma história escondida, porém persistente.

3. O SÍMBOLO SANKOFA: RESGATE E CONEXÃO

O pássaro Sankofa, posicionado com destaque, é o eixo conceitual da composição. Com a cabeça voltada para trás e o corpo avançando, ele representa a sabedoria de olhar para o passado para ressignificar o presente e construir o futuro. Suas penas coloridas (vermelho, laranja, verde, roxo) expressam a vitalidade e diversidade da cultura africana, que sobrevive e floresce mesmo diante do apagamento.

CONCURSO CULTURAL

A HISTÓRIA QUE NÃO VIVI

3ª Edição 2025

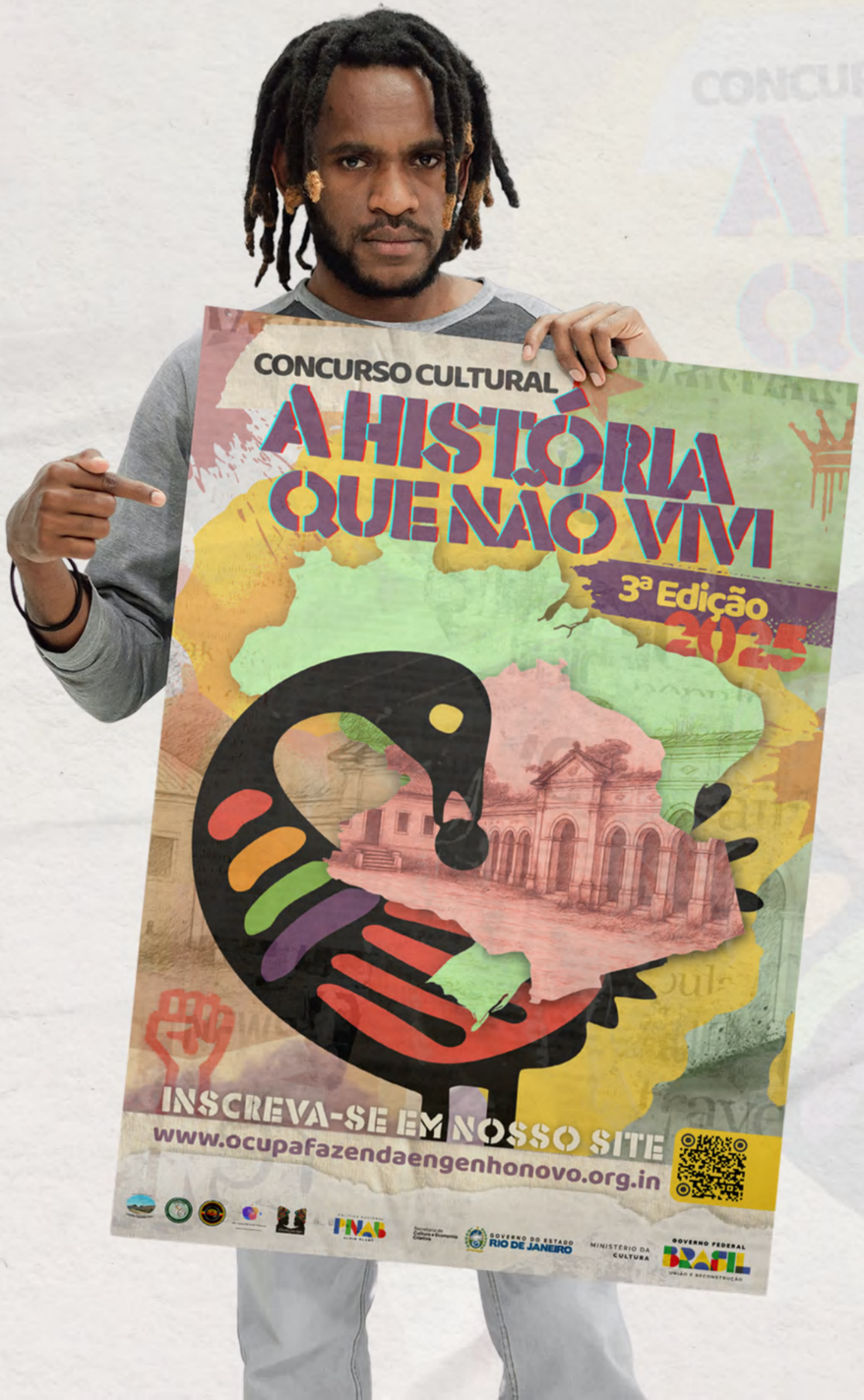
4. TIPOGRAFIA DO TÍTULO: O APAGAMENTO E A VOZ

A tipografia de "A HISTÓRIA QUE NÃO VIVI" foi intencionalmente distorcida com efeitos de glitch e sobreposição de cores, sugerindo o apagamento, a falha de registro, a quebra da linha narrativa. Ainda assim, a legibilidade da frase é preservada, reafirmando que as vozes antes silenciadas agora estão sendo visibilizadas e narradas.

5. ELEMENTOS DE GRAFITE: LUTA E EXPRESSÃO CONTEMPORÂNEA

Símbolos gráficos como o punho erguido, a coroa, a estrela e o "X" remetem ao repertório da arte urbana e das linguagens de resistência. Esses elementos fazem a ponte entre o passado silenciado e as formas atuais de luta por reconhecimento e justiça. Os borrões de tinta — intencionalmente imperfeitos — sugerem cicatrizes da história, marcas de violência e resiliência, que ainda precisam ser reconhecidas e elaboradas.

dezenove onze zeronove



CONCLUSÃO:

Esta arte propõe uma reflexão profunda sobre os silêncios da história brasileira e o papel das narrativas negras na construção de um país mais justo. Ao situar a Fazenda Engenho Novo tanto no mapa de São Gonçalo quanto no do Brasil, a composição denuncia o apagamento histórico como fenômeno nacional e, ao mesmo tempo, convoca o olhar para o local como espaço legítimo de memória e identidade.
Guiada pelo princípio de Sankofa, a obra resgata o que foi esquecido para fazer florescer novas possibilidades de pertencimento, reparação e futuro.

dezenove onze zeronove

BANNER

dezenove onze zeronove

FOLDER

MEDALHA

dezenove onze zeronove

CONCURSO CULTURAL

A HISTÓRIA QUE NÃO VIVI

3ª Edição

dezenove
onze
zeronove